

**Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)**  
**Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis)**  
**Revista Discente Outras Fronteiras**  
**Dossiê: Gênero, Interseccionalidade e Subjetividade**  
**Entrevistadoras: Ariadne Marinho<sup>1</sup> e Dejenana Keila Oliveira Campos<sup>2</sup>**  
**Entrevistada: Profa Ma. Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin**

## **NÃO NASCEU MULHER, TORNOU-SE MULHER: ENTREVISTA COM JAQUELINE ÂNGELO DOS SANTOS DENARDIN**



Jaqueline A. S. Denardin nasceu em 10/09/1992, na cidade interiorana de Braganey, Paraná. Seus pais são Celestino Denardin e Rosinha Gomes dos Santos. É graduada em Ciências Sociais, Pedagogia e Letras. Especialidade em educação especial, com ênfase em deficiências múltiplas, educação do campo, docência no ensino superior e neuropsicopedagogia. Chegou em Cuiabá-MT em 2018 para o processo seletivo de doutoramento.

11/06/2020.

É atualmente doutoranda em Estudos da Linguagem, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atuando como docente da disciplina de Sociologia desde 2012 na Rede Estadual de Educação do Paraná, Professora e Pedagoga do NEaDUNI (Núcleo de Educação a distância da UNIOESTE). Professora e Tutora do Curso de Pedagogia da Unopar. Pesquisadora das áreas de Análise de Discurso, Linguística, Linguística Aplicada, Libras, Formação de Professores, Educação, Educação a Distância, com ênfase nas Teorias do Discurso, Teorias de Gênero, Sexualidades, Transexualidade, Feminismo, Tecnologias de Informação e Comunicação, Redes Sociais, Mídia e Transfeminismo.

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

- 1) **[ROF] Revista: Prof. Ma Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin, gostaríamos que nos apresentasse sua trajetória acadêmica e de vida.**

Casei logo aos 18 anos, fiquei viúva aos 21. Sempre fui muito independente e dedicada aos estudos. Comecei a lecionar aos 17 anos aqui no Paraná, em um programa de alfabetização (Programa Paraná Alfabetizado) e desde então não saí mais das salas de aula. Em 2016 ingressei no curso de Letras/Italiano da Unioeste. Foi quando decidi que queria seguir carreira acadêmica. E foi o que fiz: ingressei no mestrado e agora estou no segundo ano do doutorado.

- 2) **[ROF] Quais pesquisas vêm desenvolvendo atualmente?**

Sou pesquisadora das áreas de Análise de Discurso, Linguística, Linguística Aplicada, Libras, Formação de Professores, Educação, Educação a Distância, com ênfase nas Teorias do Discurso, Teorias de Gênero, Sexualidades, Transexualidade, Feminismo, Tecnologias de Informação e Comunicação, Redes Sociais, Mídia e Transfeminismo. Hoje estou mais dedicada ao cyberdiscurso. E em minha tese vou analisar entrevistas realizadas com homens que se relacionam ou se relacionaram com travestis e transexuais.

- 3) **[ROF] Fale-nos sobre sua dissertação de mestrado em Linguagem e Sociedade, defendida em 2019, na Universidade do Oeste do Paraná *campus* Cascavel e intitulada: “O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na mídia”. Quais foram suas principais preocupações e por que a escolha do tema?**

Minha principal motivação era dar visibilidade à comunidade travesti e transexual, apontando também como esses sujeitos são ditos pelos discursos: médico, religioso, jurídico e midiático. Minha intenção com a dissertação foi mostrar o funcionamento desses discursos, que segregam esses sujeitos do restante da sociedade, no intuito de conscientizar as pessoas que a travesti e a transexual também são seres humanos.

- 4) **[ROF] Em sua dissertação, você afirma que para “a compreensão de um discurso, é necessário considerar suas condições de produção. Esse conceito, tal como trabalhado na Análise de Discurso (AD), considera como no discurso se inscreve o**

**ideológico”. Como poderíamos compreender a transexualidade na série “Quem Sou Eu?” e, ainda, qual a representatividade das pessoas retratadas na série? Por que a retomada da história de “Alice no País das Maravilhas”?**

Na série em que eu analisei a transexualidade, é visibilizada de várias maneiras. E sim, a série teve uma contribuição social muito representativa. As pessoas que participaram da série, com certeza, trouxeram as realidades sobre a transexualidade por diferentes vieses, o que deixou a série muito rica em informação sobre a transexualidade. Sobre a contextualização do que é a transexualidade, amparada pela retomada da história infantil “Alice no País das Maravilhas”, eu penso que os produtores da série foram muito felizes, pois conseguiram informar de forma didática características sobre a transexualidade de maneira compreensível.

- 5) [ROF] Fale-nos um pouco sobre as existências e resistências em seu percurso acadêmico e de vida. Quais fatores atuaram de maneira positiva e que ainda atualmente foram fundamentais na decisão de readequação de gênero?**

Desde sempre soube que eu era mulher. O preconceito e a discriminação vêm de todos os lados, seja do colega de profissão, dos alunos e até mesmo na própria família. No entanto, eu sempre tive a consciência de que era melhor viver e ser quem eu sentia que era, que sempre fui, uma mulher. Apesar de estar em um corpo dito masculino, sempre me vi feminina, e isso me impulsionou. Uma pulsão de vida, para ser a mulher que sou; logo, só viveria sendo a mulher que eu sentia ser.

- 6) [ROF] Como é ser mulher trans num (cis)tema heteronormativo tão brutalmente violento? Na prática, como você se posiciona em relação à regulação de gêneros não binários?**

É ser assediada a todo tempo, fetichizada, desrespeitada. E isso tudo pelo fato de ser quem sou. As pessoas estão, ainda, muito condicionadas à genitália do outro. Sobre gêneros não-binários, eu penso que não há uma regulação, pois, a premissa desses é não estar nesse regulamento imposto por um gênero ou outro.

- 7) **[ROF] Em algum momento você já teve que ocultar sua identidade de gênero, se passando por um homem cisgênero ou uma mulher cisgênero para participar de alguma atividade? Ou teve medo de se sentir discriminada por sua condição?**

Eu não oculte a minha identidade de gênero. No entanto, muitas pessoas que não me conhecem, me leem como uma mulher cisgênero, pois eu tenho uma “passabilidade”, ou seja, sou muito parecida com que a sociedade tem como padrão de mulher, do feminino. Porém, eu não chego nos lugares anunciando que sou trans, pois eu penso que isso é algo que diz respeito a mim e a quem se envolve comigo.

- 8) **[ROF] “Travestis e mulheres ou homens transexuais recorrem ao uso de hormônios para modificação corporal. Devido a restrições de acesso a serviços de saúde, a automedicação é frequente”. Nos conte um pouco sobre sua opinião nesta questão: Você faz ou fez uso de hormônios ou conhece alguém? Se fez ou faz, teve acesso ao serviço de saúde ou foi automedicação? Em relação ao corpo e a hormonização quais os benefícios e os malefícios?**

Primeiramente, vale ressaltar que isso é um discurso imposto para o homem ou a mulher trans. Quer dizer, que só nos encaixamos em sermos trans se recorrermos à questão do tratamento hormonal e/ou as modificações corporais através das cirurgias. Contudo, não é assim que funciona. Têm muitos homens e mulheres trans que não desejam fazer tantas alterações, ou que não fazem uso de hormônios, ou que não fazem as cirurgias, seja da retirada das mamas (para os homens trans), seja dos órgãos genitais. Nem por esta razão essas pessoas deixam de ser trans.

Eu faço uso de tratamento hormonal desde 18 anos, ainda não realizei a cirurgia de mudança de sexo. Porém, é algo que eu quero e desejo muito. Ainda não realizei por ter um custo alto, é caro. Pelo SUS é muito demorado e é compreensível essa demora. É um processo todo de análise com uma equipe de múltiplos profissionais da medicina; com urologista, ginecologista, psicólogos, psiquiátricas, e é muito importante fazer todos esses acompanhamentos. Eu irei fazer minha cirurgia em um hospital particular e estou me organizando financeiramente para isso. É muito importante falarmos da cirurgia ou não, porque já ouvi muitos relatos de pessoas que fazem a cirurgia da troca de sexo e isso não

era algo realmente do desejo dela ou dele, se for caso de um homem trans. Porque é como eu disse no início, as pessoas discursam sobre esta questão do transexual e da cirurgia de mudança de sexo como se uma coisa estivesse ligada a outra. E como eu disse e reafirmo, ser transexual não está ligada à estas questões de cirurgias de mudanças de sexos ou uso de hormônios para modificações corporais.

Sobre a questão de ser prejudicial ou não e quais os benefícios ou malefícios da hormonização ou da própria cirurgia. Eu penso o seguinte: cada organismo é um e reage de forma diferente em cada pessoa. Isso vale até para um comprimido que tomamos para dor de cabeça. Então, pode-se imaginar como estas questões se agravam quando há a hormonização ou mesmo uma cirurgia. Como cada organismo é único, não podemos saber antes quais questões estão envolvidas com alguma alteração desse organismo e acarretar nos malefícios ou nos benefícios em relação a saúde dos sujeitos.

- 9) [ROF] Ao longo de suas pesquisas, quais os principais problemas e dificuldades (não apenas teóricos-metodológicos) que surgiram ao se trabalhar com questões de “Gênero, Interseccionalidade e Subjetividade”? E a qual a importância desse debate na academia, na sociedade e para você?**

Eu penso que o principal problema foi ler sobre mim. Pois, as pesquisas que tenho feito, mesmo dentro da linguística, abordam temas como a sexualidade e o gênero. E ler coisas horríveis que as pessoas pensam e dizem sobre você é bem difícil. Eu penso que discutir gênero e sexualidade dentro e fora da academia é algo urgente e o momento tem se mostrado cada vez mais oportuno. É importante que as pessoas tenham conhecimento sobre esses assuntos, para que assim possam formular suas opiniões.

- 10) [ROF] Fale-nos um pouco sobre a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Qual a importância de instituições similares no fortalecimento e resistência para uma comunidade tão silenciada em nosso país? Ser trans é necessariamente ser engajad@?**

Instituições como a ANTRA são importantíssimas para o apoio à essa comunidade, que é desamparada em todos os sentidos. São instituições como essa que têm conseguido

desenvolver e reivindicar políticas públicas para esses sujeitos, garantindo o mínimo para a existência e sobrevivência – que para muitas travestis e transexuais tem sido historicamente algo difícil –. Ser trans não está necessariamente ligado ao engajamento, isso é algo muito subjetivo, e cada um deve ser respeitado como é.

#### **11) [ROF] Como a pandemia do Covid 19 afeta a vulnerabilidade da população trans?**

Estamos nos deparando com decretos que proíbem a circulação de pessoas. Se pensarmos que a população travesti e transexual em sua maioria precisa se prostituir nas ruas para sobreviver, e em muitos casos essa é a única forma de ganhar algum dinheiro, essa população além de continuar exposta a todos os tipos de violência, está exposta ao vírus que circula por aí. Por isso, ênfase aqui a necessidade de termos representantes que promovam políticas públicas efetivas para a ascensão social dessa população.

#### **12) Suas palavras finais**

Agradeço o convite para essa entrevista. Me coloco à disposição para contribuir em outros trabalhos que seja possível. E deixo como mensagem final que nós transexuais e travestis não queremos ser aceitas, mas sim respeitadas como somos. Não é sobre aceitar, e sim respeitar. Obrigada!

**Ficamos muito agradecidas pela sua participa**